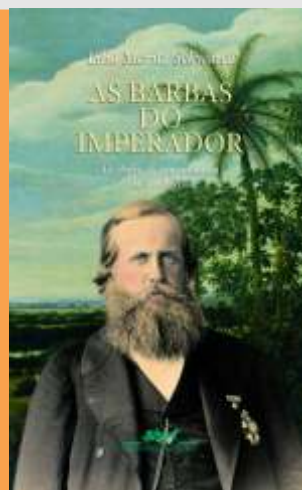


Vencedor do prêmio Jabuti 1999 de Melhor Ensaio e Biografia, a obra ***As barbas do Imperador - D. Pedro II, um monarca nos trópicos***, da acadêmica Lilia Moritz Schwarcz, traz, através de uma biografia do imperador D. Pedro II, um panorama da sociedade e das praxes administrativas à época. Com sua narrativa interpretativa e a riquíssima iconografia apresentada, Lilia, criteriosamente, materializa o mito monárquico. Com sua murça de penas de tucano, Pedro II de certo modo legitimava a tropicalização dos costumes monárquicos; depois, trocando o manto imperial pelas roupas de cidadão, estará de algum modo anunciando a decadência do Império.



A exposição ***Luzes da Coreia — Festival de Lanternas de Jinju*** foi recorde de público no Museu de Arte Contemporânea – MAC – em Niterói e estreou no Rio, na Casa de Cultura Laura Alvim, no dia 03 de setembro. A mostra, dedicada à Coreia do Sul, reúne as tradicionais lanternas daquele país, produzidas manualmente a partir de uma seda fabricada exclusivamente na pequena cidade de Jinju. Desde 2003, a cidade sedia o Festival Jinju Namgang Yudeung, que todo ano reúne mais de dois milhões de pessoas. Os visitantes serão transportados para essa atmosfera, com 700 lanternas originais, além de instalações, fotos e vídeos que retratam a cidade e o evento, e uma enorme lua em 3D. Além disso, estarão expostos os hanboks, trajes típicos feitos de seda usados em casamentos e outras celebrações.

Casa de Cultura Laura Alvim. Avenida Vieira Souto, 176, Ipanema. Ter. a dom., 13h/19h. Grátis. Até 20 de setembro.



O filme ***Meu nome é Gal*** conta um período da vida da, segundo João Gilberto, “maior cantora do Brasil”. A diretora Dandara Ferreira partiu de uma série documental com quatro episódios, intitulada ***O nome dela é Gal (2016)***, na qual ela narrou a trajetória da cantora a partir de material de arquivo e dezenas de entrevistas. Dandara começou a desenvolver o projeto com Lô Politi (de Jonas e Alvorada), que entrou como produtora e, depois, diretora e roteirista. O texto, assinado também por Maíra Buhler e Mirna Nogueira, se baseou na pesquisa feita para a série e em encontros que Maíra teve com Gal e pessoas próximas a ela para discutir questões específicas. Nesse momento, as idealizadoras perceberam que seria impossível retratar 60 anos de carreira de Gal em duas horas de filme, então, optaram por retratar um período curto e representativo, entre 1966 e 1971, quando Gal trocou Salvador pelo Rio de Janeiro, gravou os primeiros discos, encontrou sua forma própria de cantar e se tornou a grande voz da Tropicália, tudo isso no contexto de repressão da ditadura militar. O filme é justamente sobre a gênese da Gracinha para a Gal Costa, sobre como uma menina tímida participa de um dos movimentos culturais, estéticos e políticos mais importantes do país. Gal aprovou a escolha de Sophie Charlotte para interpretá-la após tê-la visto cantar “Sua estupidez” ao lado de Roberto Carlos. Segundo Dandara, a cantora reconheceu na atriz um timbre próximo ao dela e a “doçura no olhar” de quando era mais jovem. Estão no filme todos os principais parceiros de Gal na época, incluindo Caetano Veloso (vivido por Rodrigo Lelis), Gilberto Gil (Dan Ferreira), Dedé Gadelha (Camila Márdila), Guilherme Araújo (Luis Lobianco), Waly Salomão (George Sauma) e Maria Bethânia, esta interpretada pela própria Dandara Ferreira.



Você  
Sabia?

Você sabia que o imperador D. Pedro II, além de carismático estadista, foi um mecenas das artes no Brasil? Ele patrocinou literatos, artistas e profissionais de vários ramos da ciência, no intuito de favorecer uma fundamentação e autonomia cultural necessária à elite local, ansiosa em definir sua própria identidade. Ele acreditava que a integridade do Império podia ser fortalecida com uma unicidade e que a carência de uma identidade verdadeiramente nacional poderia resultar em agente de divisão interna ou de enfraquecimento das instituições do governo. Tal pensamento levou à necessidade de se adotar uma produção artística de temática autóctone, que realçasse as potencialidades naturais do país, o índio como habitante genuíno e elemento da brasilidade, e os temas históricos nacionais. O imperador, entre 1842 e 1844, instituiu prêmios para os trabalhos de destaque no IHGB, o que também ocorreu na Academia de Belas Artes. Mantinha no palácio uma biblioteca, um museu, um laboratório e um observatório astronômico. O apreço do monarca pela erudição muitas vezes o afastava da política, que lhe parecia tediosa. Tanto é que veio presidir 506 sessões do IHGB, enquanto apareceu esporadicamente na Câmara.



Pedro de Alcântara João Carlos Leopoldo Salvador Bibiano Francisco Xavier de Paula Leocádio Miguel Gabriel Rafael Gonzaga de Bragança e Habsburgo. Mecenas e fotógrafo. Aclamado imperador do Brasil com apenas 5 anos.